

LITERATURA INFANTIL, GÊNERO E INFÂNCIA: Análise do Arquétipo Feminino em "A Banda das Meninas"

Manuela Cunha Peixinho (IFBA)
*Docente do Instituto Federal da Bahia; Pesquisadora do GPLR;
Doutora em Literatura e Cultura
manuelapeixinho@yahoo.com.br*

*Simpósio Temático nº 20 – ESTUDOS CONTRACANÔNICOS EM LITERATURAS E
CULTURAS*

RESUMO

Recorte do projeto de pesquisa “Literatura infantil baiana: perfis femininos, representação e identidades” – este trabalho analisa as representações das personagens femininas no livro “A banda das meninas”, publicado em 2019, pela autora baiana Emília Nuñez. Na obra, é narrada a história de Leiloca, uma garota que deseja ser baterista de uma banda, mas que encontra dificuldade em se inserir em um grupo devido ao fato de simplesmente ser menina. Ultrapassando a dicotomia dos papéis sociais do homem e da mulher, a literatura infantil contemporânea tende a tensionar tais valores, reconfigurando o lugar de seus personagens. Para alicerçar as discussões, há dois eixos teóricos: (1) estudos sobre leitura e literatura infantil, em estaque para as análises de Nelly Coelho, Marisa Lajolo e Márcia Abreu; (2) estudos de gênero e identidade, em especial as discussões de Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Judith Butler e Simone Beauvoir. É salutar observar as representações das personagens femininas em obras infantis contemporâneas, observando, em especial, se há uma relocação de seus papéis em relação à visão tradicional que estabelecia características específicas para elas, como passividade, aceitação, desejo de um casamento para ter o final feliz ou a espera de um personagem masculino que a salve das intempéries. Transpor tal visão reducionista é uma forma de ratificar para as meninas que elas podem desejar realizações pessoais para além do matrimônio, almejar atravessar caminhos incertos (sem esperar que alguém a salve), a fim de chegar a um objetivo maior: ser ela mesma.

Palavras-chave: Literatura infantil, Gênero, Identidade, Menina.

ABSTRAT

Part of the research project “Children's Literature from Bahia: female profiles, representation and identities” – this paper analyzes the representations of female characters in the book “A banda das Meninas”, published in 2019, by Emília Nuñez. The story is about Leiloca, a girl who wants to be a drummer in a band, but who finds it difficult to join a group due to the fact that she is simply a girl. Going beyond the dichotomy of the social roles of men and women, contemporary children's literature tends to stress these values, reconfiguring the place of its characters. There are two theoretical

axes: (1) studies on reading and children's literature, for example the analysis of Nelly Coelho, Marisa Lajolo and Márcia Abreu; (2) gender and identity studies, in particular discussions by Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Judith Butler, and Simone Beauvoir. It is healthy to observe the representations of female characters in contemporary children's books, noting, in particular, if there is a relocation of their roles in relation to the traditional view that established specific characteristics for them, such as passivity, acceptance, desire for a marriage to end happy or waiting for a male character to save her from the elements. Transposing such a reductionist vision is a way to confirm for the girls that they can desire personal achievements beyond marriage, aspire to cross uncertain paths (without waiting for someone to save them), in order to reach a greater goal: just being herself.

Keywords: Children's Literature, Genre, Identity, Girl.

INTRODUÇÃO

Entre o livro e a leitora, existe uma figura imprescindível para dar significação ao enredo, para estabelecer uma identificação com o receptor, bem como para a criação de representações sociais: a personagem. O espaço ficcional é profícuo para relacionar aspectos da realidade às inúmeras possibilidades que a imaginação consegue atingir, especialmente ao se tratar da literatura infantil (L.I.).

Nesse campo entre a criação e a realidade, a criança, ao ler ou escutar histórias para sua faixa etária, aprende a conviver em sociedade, aprende sobre si e sobre o outro. Nessa esteira, este artigo visa analisar as representações das personagens femininas no livro infantil “A banda das meninas”, escrito pela baiana Emília Nuñez, em 2019 pela editora TIBI. Sendo assim, à luz da teoria de gênero e estudos sobre a literatura infantil, este trabalho discutirá sobre as representações das personagens femininas, como a mãe, a amiga, a menina, dentre outras figuras dramáticas.

Por muito tempo, associou-se a mulher à passividade, ao cuidado pessoal, à aceitação, à inércia, à dependência, reduzida, muitas vezes, à função materna. Contudo, com as mudanças sociais, muitas mães de hoje, além de cuidar de seus filhos, trabalham fora dos limites do lar, cuidam de si, possuem desejos pessoais etc.; a menina, por sua vez, passa a questionar mais sobre o mundo ao seu redor e não se limita a brincar de boneca. Logo, a literatura, que bebe do real, deve trazer tais alterações, estabelecendo um fluxo cíclico e retroalimentado, em que a literatura se baseia na realidade e o indivíduo da realidade aprende como se portar também através do texto literário; especialmente

quando se trata da literatura infantil, pois esta possui um papel formador significativo na construção do futuro adulto.

Para tal análise, este artigo se divide em cinco seções: (1) Introdução; (2) Sobre a autora; (3) Um pouco de teoria; (4) Da teoria à prática: uma análise das personagens femininas e suas representações; (5) Considerações finais. Na primeira, apresentam-se os objetivos e visão norteadora do artigo. Na segunda, serão relatados aspectos sobre a editoração da obra, bem como dados biográficos, a fim de demarcar o local de fala da autora. Na terceira seção, serão discutidos brevemente aspectos teóricos como o que é literatura infantil, o que são representações femininas etc. Por sua vez, na quarta parte, será tecida a análise da obra citada, enredo e ilustrações, à luz da teoria de gênero e dos estudos sobre L.I.

2 SOBRE A AUTORA

Emília Nuñez inicia-se no mercado editorial apenas em 2016 com o livro “A menina da cabeça quadrada” (NUÑEZ, 2017a). Seus livros focam no público-mirim de 0 a 10 anos. Administradora de formação, a autora passa a escrever livros para as crianças após tornar-se mãe de dois filhos. Ela é fundadora do projeto @maequel, perfil no Instagram de incentivo à leitura infantil, e da livraria homônima, localizada no bairro da Paralela em Salvador- Bahia.

A editora de suas publicações é uma *startup*, fundada pela autora e seu irmão Eduardo Nuñez, chama de TIBI com sede em São Paulo e Salvador. Mesmo sendo uma autora recente no mercado dos livros literários infantis, Emília participou de importantes eventos na área de L.I. como a FLIP, Fipelô, FLICA (Festa Literária Internacional de Cachoeira). Hoje, há dez publicações da autora: “A menina da cabeça quadrada” (NUÑEZ, 2017a), “A jacarezinha que mordida” (NUÑEZ, 2017b), “Felicidade bicicleta” (NUÑEZ, 2017c) “Da raiz do cabelo até a ponta do pé” (NUÑEZ, 2018a), “Brincar de livro” (NUÑEZ, 2018b), “A banda das meninas” (NUÑEZ, 2019a), “O hipopótamo que usava fraldas” (NUÑEZ, 2019b), “A minifashionista (NUÑEZ, 2019c), “O coelhinho que não sabia esperar” (2019d). Há também a produção de três livros personalizados.

3 UM POUCO DE TEORIA

Muitas vezes, posta à margem do *hall* da literatura, a literatura infantil bambeia entre o seu importante papel tanto na educação dos infantes, quanto por estabelecer um dos primeiros contatos de seu público com a apreciação estética e lúdica, aguçando o refinamento do futuro leitor, do futuro adulto. Sabe-se que o circuito editorial de L.I. perpassa não apenas pelas livrarias, mas também pelas escolas, bibliotecas (públicas e particulares), bem como programas governamentais de fomento à cultura.

Neste último caso, com a interdependência entre as escolas públicas infantis e a indústria livreira, além do investimento do Governo na aquisição de obras literárias para as crianças, houve uma proliferação de títulos deste gênero. Entretanto, não se pode considerar que, pelos textos serem lidos no ambiente escolar, estes deverão se limitar a ensinamentos pedagógicos. O livro infantil possibilita o acesso a padrões de mundo, muitas vezes diversos daquele vivenciado pela criança. Ademais, não se deve também estancar a L.I. ao estudo linguístico, alfabetização ou mera decodificação de signos. Afinal, o campo semântico que perpassa os textos é formativo, não apenas do aluno, mas antes da pessoa (CADEMARTONI, 2010).

Goulart (2007) chama a atenção de como a literatura, em especial a infantil, é um espaço profícuo para ratificar a pluralidade do ser humano:

Podemos pensar sobre o letramento literário no sentido que a literatura nos letra e nos liberta, apresentando-nos diferentes modos de vida social, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras, porque nos textos literários pulsam forças que mostram a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros. O outro nos diz a respeito de nós mesmos – é na relação com o outro que temos oportunidade de saber de nós mesmos de uma forma diversa daquela que nos é apresentada apenas pelo viés do nosso olhar. (GOULART, 2007, p.64-65).

Por isso, torna-se imperativo observar a construção e representação das personagens femininas nas obras contemporâneas de literatura infantil, afinal estas contribuem para a formação leitora e pessoal de seu público, seja ele menino ou menina, ratificando estereótipos ou transgredindo-o. Com isso, a geração futura pode transformar a realidade que vive. Outrossim, entende-se como muito importante trabalhar com

narrativas contemporâneas de literatura infantil, ultrapassando a barreira dos clássicos contos de fadas e alcançando novas realidades de produção.

Os livros para crianças são, normalmente, produzidos por adultos que escrevem a partir do que eles acham adequado para a formação infantil, buscando a elevação moral e utilizando um repertório linguístico que considera ser propício para a compreensão e gosto de seus leitores (LAJOLO, 2008). Assim, esse tipo de obra visa a fruição, mas também um ensinamento de vida. “A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. *É uma nutrição.* (grifo da autora) (MEIRELES, 1984, p.32). Dessa forma, as representações das figuras dramáticas nutrem as crianças de (pre)conceitos e cultura.

Sabe-se que o ser humano traz consigo o desejo inato de contar histórias, reais e/ou fictícias, como forma de, ao mesmo tempo, entreter-se e aprender. O mesmo ocorre nas produções pensadas para o público infantil. No século XVII, iniciam-se as primeiras obras escritas que são consideradas "adequadas" para o público infantil, como as fábulas de La Fontaine em 1668. No século XVIII, com a ascensão dos valores burgueses, surge a concepção de criança não como um mini-homem ou uma minimulher, mas sim como um ser dotado de peculiaridades que a difere de um adulto. Para contemplar esse novo público, nascem, com fins pedagógicos e moralizantes, os contos de fada. Nestes, através do exemplo, punições e premiações dos personagens, a criança aprende como agir na sociedade. Essa mudança “gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas a cumprir essa missão” (ZILBERMAN, 2003, p.15).

Nesse período, ainda se entendia a sociedade de maneira maniqueísta, plenamente boa ou má, e a visão da mulher era reducionista e secundária, sendo ela passiva e sem iniciativa para novas conquistas pessoais para além da vida amorosa. A maioria do protagonismo era masculino e os meninos/homens costumeiramente eram sagazes e desvolto, diferente das personagens femininas. Dessa forma, os textos possuem vilões e heróis bem demarcados e, em muitos deles, donzelas no aguardo do socorro masculino.

Na maioria das vezes, as produções atuais utilizam os recursos tecnológicos disponíveis como forma de chamar a atenção do leitor-consumidor mirim. Gravuras coloridas, capas chamativas, dispositivo de sons, imagens em três dimensões embalam histórias antigas que, muitas vezes, são ressignificadas e, por vezes, atualizadas com elementos contemporâneos, até como forma de estabelecer uma maior identificação da

criança com os personagens ou o ambiente. Entretanto nem sempre isso foi assim. Apesar da explosão da literatura infantil brasileira ter sido no século XIX, a alfabetização não era para todos. Logo, o acesso ao livro era limitado (COELHO, 2005).

Com a reiteração dos papéis sociais dos gêneros através das mídias, jogos, seriados, desenhos animados, escolas, comunidades, em especial através da família, a criança cresce aprendendo como deve portar-se.

4 DA TEORIA À PRÁTICA: UMA ANÁLISE DAS PERSONAGENS FEMININAS E SUAS REPRESENTAÇÕES

No livro em análise, “A banda das meninas” (NUÑEZ, 2019a), aparecem basicamente três grupos femininos importantes para discutir seus lugares na narrativa: a menina, a mãe e as amigas. Trata-se, destarte, nesta seção, dessas variáveis da personagem feminina, observando sua conduta na obra e refletindo sobre possíveis interpretações sociais de suas figuras. Existe a imagem mental que o leitor cria a partir das pistas deixadas na narrativa aliada ao seu conhecimento de mundo, horizonte de expectativa e local social. Nesse sentido, a ilustração limita a criatividade, mas, ao mesmo tempo, possibilita uma outra forma de leitura: a das imagens. Sempre que possível, serão relacionados aqui enredo e ilustrações.

A protagonista é Leiloca, menina negra, com idade aproximada dos 10 anos, que vive com sua mãe e seu pai. O título, por si só, já denota a trama principal da narrativa: a vivência em uma banda musical composta por meninas, todavia, o enredo traz uma pequena surpresa quanto a essa organização. Ainda na capa, Ana Paula Azevedo, ilustradora da obra, desenha Leiloca sorridente tocando bateria. Na contracapa, por sua vez, a imagem continua com Maria (garota branca, com sardas, ruiva de cabelos cacheados e longos) no baixo e Nandoca (menina branca, cabelos pretos, longos e ondulados) cantando.

Na cena inicial, Leiloca aparece feliz ao encontrar um cartaz com o seguinte dizer: “Banda procura baterista”. Nesta cena, a personagem está montada em uma bicicleta amarela, igualmente ao seu laço, com uma mochila marrom com chaveiro de dinossauro. Somente neste momento inicial, consegue-se perceber que a menina não é estereotipada e limitada a elementos antes tidos como femininos. Um exemplo dessa pequena subversão é a escolha do chaveiro e a cor de sua bicicleta que não refletem a recorrência da cor rosa

em objetos para meninas tanto na ficção, quanto no cotidiano. Todavia, na página seguinte, ao apresentar o gosto por instrumentos musicais desde a tenra infância, a imagem mostra Leiloca quando era bebê agitando chocalhos em um macacão rosa com um dinossauro centralizado; depois a personagem já está em torno de seus quatro anos batendo panelas com colher de pau e, por fim, traz Leiloca mais velha vendo a bateria que seu irmão ganhara: “Um dia, seu irmão ganhou uma bateria. Ele não ligou muito, mas os olhos de Leiloca brilharam feito estrelas” (NUÑEZ, 2019a, p.6).

Interessante, nessa passagem, observar que quem recebe a bateria de presente é o irmão (que não aparece em outra parte do enredo). Comumente, na sociedade, há a organização social de elementos considerados mais femininos e outros mais masculinos. Isso se reflete nos instrumentos e gêneros musicais. Associam-se, assim, instrumentos, especialmente os de grande sonorização, como guitarra, bateria, aos homens; e a dança ou instrumentos mais melódicos, como piano, violino, à mulher. Tocar bateria pressupõe ritmo, força física nos braços e nas pernas; além disso, o instrumento constantemente relaciona-se a ritmos musicais intensos, como rock. Esta concepção fica clara no livro quando Leiloca resolve ir ao local da audição de novo baterista para uma banda e encontra o seguinte entrave: “Será que você tem força o bastante para tocar bem alto? Precisamos de alguém que toque alto!” (NUÑEZ, 2019a, p.13) – disse um dos três meninos que estavam na porta de um estúdio. O preconceito ainda se ressalta ao afirmar: “Olha, não me leve a mal, mas a gente preferia alguém com mais experiência” (NUÑEZ, 2019a, p.13) – continuou outro garoto. Nesta cena, a autora não nomeia os autores da fala, o que pode ser entendido como um discurso coletivo, a despeito de ser pronunciado por uma só pessoa; como se os três meninos pensassem da mesma forma.

Em uma só página, Leiloca é desacreditada por ser menina ao questionarem sua força, sua experiência e, por fim, colocarem em xeque ser ela uma baterista; tudo isso sem nem a ouvir tocar: “É que tem uma fila grande de bateristas de verdade lá fora. Você entende, né?” (NUÑEZ, 2019a, p.13). Destaca-se ainda que a questão se refere ao gênero e não a sua raça ou idade pelo fato de cada um dos três meninos possuírem características físicas específicas: um é branco do cabelo preto, usa óculos e carrega uma capa de violão/guitarra; o do meio é mais alto, loiro e branco; por fim, o terceiro é negro, possui cabelos cacheados e usa boné. Este é o único que está de olhos abertos e sorrindo, contudo, não impediu que a situação de preconceito ocorresse, inclusive ele mesmo pode ter sido o autor de uma das falas machistas já discutidas.

Stuart Hall, em “Que negro é esse da cultura negra”, pondera que comumente o “significante ‘negro’ é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir” (HALL, 2009, p. 327). Ser negro não é uma categoria essencial e homogênea, dentro deste grupo, há ainda a divisão de gênero, de classe, por exemplo. Há um constante deslocamento identitário negociado a cada situação vivenciada. Manter esta reflexão da multiplicidade de uma mesma pessoa é renunciar um olhar ingênuo sobre a identidade cultural negra e perceber que esta questão é mais fluida e complexa do que um conjunto de estereótipos. No contexto do livro, a identificação e o gênero silenciaram uma empatia racial.

A situação de preconceito de gênero vivenciada trouxe primeiramente questionamentos para a protagonista: “não entendia por que os meninos fizeram aquilo com ela, mas sabia que era muito injusto” (NUÑEZ, 2019a, p. 15). Mesmo numa obra infantil, esta cena causa reflexão sobre as situações que podem uma menina/mulher vivenciar apenas pelo seu gênero.

Leiloca decide então formar uma banda e, com a ajuda de sua tia Jojô, que era guitarrista, encontrou um lugar com instrumentos para tocar. A sororidade das personagens femininas é evidente: a mãe encoraja a filha a seguir seus desejos, dando-lhe apoio emocional; a tia dá-lhe condições materiais ao disponibilizar sua casa; e as amigas topam participar da banda. Assim, convidou suas melhores amigas: Maria, que tocava baixo, e Nandoca, que cantava bem. Ao pensarem quem poderia ser guitarrista, inicialmente elas imaginam algumas meninas (Maricotinha, Lua, Dirinha), entretanto, ao final, escolhem Daniel Gabriel – primo de Maria, conhecido com Danbiel. Ainda magoada com a negativa recebida na audição que não pôde nem tocar, Leiloca questiona se Danbiel iria querer tocar só com meninas, como se fosse demérito tal situação. E logo esclarecem que ele aceitaria, pois “ele não é bobão!” (NUÑEZ, 2019a, p.18).

Interessante pensar em uma “banda das meninas” composta por um integrante do sexo masculino, isso, especialmente, por uma questão linguística: o português toma o masculino como a regra e o feminino como flexão. Destarte, em uma sala de aula com a maioria mulher, usa-se o termo “alunos”, no masculino. O preconceito se estende da prática social ao léxico, em que a forma padrão de várias palavras é a masculina, deixando ao feminino da palavra mera variação morfológica; ou quando usa-se *eles* referindo-se a ele e ela. Verificamos socialmente a ofensa que é chamar um homem de mulher(zinha),

ou a diferença que se estabelece entre homem-público, voltado à política, ao social; e mulher-pública, que por muito tempo designou as prostitutas, visto que as mulheres “de família” não circulavam constantemente em via pública. Um claro exemplo da relação mulher/ sexualidade e homem/humanidade é quanto a expressão *homem honesto* referindo-se às qualidades de honra, integridade; enquanto a *mulher honesta* remete à castidade, à virtude. Assim, Silva notou que:

Das expressões citadas no *Aurélio* nucleadas em torno da palavra “homem”, 100% apresentam temas positivos; das que têm “mulher” por foco, cerca de 92% referem-se à atividade sexual e portam conotações negativas. Enquanto a lexia “*homem*” ou se refere à humanidade no seu todo ou ao ser masculino unicamente, “*mulher*” restringe-se sistematicamente ao ente feminino e, quase sempre, deprecia o ser a que designa, apelando, por isso, não raro, a recursos eufêmicos (SILVA, 2006, p. 180).

Diante disso, um livro se chamar “A banda das meninas”, mesmo tendo um integrante do sexo masculino tensiona imagens enraizadas sobre os lugares sociais do gênero na sociedade atual, que mesmo tendo evoluído nas relações entre os sexos, ainda perpetuam reflexos de uma sociedade patriarcal. A reprodução consciente ou não da cultura dominante masculina gera, muitas vezes, a autodepreciação a quem foge à regra, dificultando a mudança social (BOURDIEU, 2010).

Após treinarem bastante na garagem da tia Jojô, decidem se inscrever no 1º Festival de Música da Escola. Nesse contexto, surge o questionamento do nome da banda. Nomear é dar identidade, agregar valor e sentido às coisas. Foucault (2011), em *A ordem do discurso*, indica como o discurso é controlado, selecionado e organizado por procedimentos que servem para reafirmar poderes. O nome escolhido “Minassauras” ressalta alguns discursos: (1) o gosto das integrantes por dinossauros (perceptível nas pistas deixadas no livro, como o macacão da infância de Leiloca, seu chaveiro na página inicial, a camisa de Maria e apantufa de Nandoca em um dos encontros da banda etc.); (2) a marcação de gênero no feminino, mesmo tendo um membro do sexo masculino. Ressalta-se que a escolha do nome foi sugestão de Danbiel: “Meninas, já repararam que todas vocês amam dinossauros? Que tal MINASSAURAS?” (NUÑEZ, 2019a, p. 22), por fim, ainda destaca “Vou adorar ser o Minossauro!” (NUÑEZ, 2019a, p. 22). Observa-se, nessa passagem, que o limiar entre o masculino e o feminino não foi diluído, apenas

ensionado. Não é como se não houvesse diferenciação linguística, mas a composição da banda e seu propósito foram a construção de uma banda de meninas, mesmo com a participação de um menino. Vale lembrar que, no início, Leiloca queria ser uma menina em uma banda de meninos. Nessa perspectiva, a ideia é não uma segregação de gênero, mas uma possibilidade de união entre ambos em prol da música e da diversão.

No dia do festival, Leiloca vê a banda de meninos que a havia rejeitado na audição contando agora com um menino baterista, negro (o que ressalta também não ter sido uma questão racial a recusa da protagonista, e sim de gênero). Leiloca então tem uma epifania: “Claro que quero me divertir, mas percebi que temos uma grande missão. Você reparou que somos a única banda com meninas em todo o festival? Precisamos arrasar e inspirar outras garotas!” (NUÑEZ, 2019a, p. 24). Esse foi o propósito da personagem no festival, esse é o propósito do livro para as pequenas leitoras: inspirar. É preciso entender que o espaço feminino não se limita a narrativas romanescas, ou mesmo a brincadeiras que induzem maternidade ou os limites do lar, e que a música pode ser mais do que dançada pelas meninas, mas também produzida. Ter a escolha é a maior luta. Não se quer dizer que toda menina não deve usar rosa, ser amiga só de pessoas do mesmo sexo, tocar instrumentos musicais. A questão está em perceber que, se isso acontecer, não há nada de errado.

Fantasiada de dinossauro, a banda foi ao palco, Leiloca pega o microfone e tece a reflexão-chave de toda a obra:

Muitos me perguntaram, admirados, como é ser menina e tocar numa banda. Mas eu quero saber por que não perguntam o mesmo para os meninos? E por que tão poucas meninas são incentivadas a aprender um instrumento musical? Meninas, vocês podem estar aqui no palco! Meninos, nós podemos tocar juntos! (NUÑEZ, 2019a, p. 31).

A identidade adquire sentido na linguagem e nos elementos simbólicos que a caracterizam e ela se difere de outras através da diferença. “A diferença é sustentada pela exclusão” (WOODWARD, 2009, p. 9), dessa forma, só se pode ter uma identidade a partir da negação de outras possibilidades. Todavia, não se pode considerar que ser homem é o contrário de ser mulher, pois ser diferente não significa ser oposto. Os jogos de poder, por sua vez, criam barreiras que impedem a total empatia pelo diferente, seja por questão política, econômica, social, racial e de gênero também.

Sobre o questionamento das meninas serem pouco incentivadas ao uso de instrumento musical, podemos voltar ao começo do livro, quando Leiloca acabara de “receber” a bateria de seu irmão, mas gostaria de aprender mais sobre o instrumento, decidindo pedir ao seu pai para pagar-lhe aulas. Ele recusou por questões financeiras, pois já pagava as aulas de inglês e o *ballet*. Três situações interessantes surgem dessa cena: (1) a figura paterna só aparece, em todo o texto, quando se trata de prover algo, reiterando uma visão estanque do pai, a despeito da imagem de um porta retrato de Leiloca pequena com ele em um momento afetivo; (2) a importância do investimento no futuro das crianças com a aquisição de uma segunda língua cada vez mais cedo na sociedade atual; (3) a escolha entre mantê-la no *ballet*, pois mesmo que o recurso financeiro da família seja limitado, poderia ter dado a escolha para Leiloca entre continuar na dança ou praticar bateria, entretanto, tal possibilidade não foi cogitada. A relação entre as meninas e a dança, mais uma vez, supera a produção musical.

Mesmo tendo se divertido e mandado sua mensagem, as Minassauras não ganham o festival, em contrapartida, foram ovacionadas e ganharam uma bolsa de estudos de uma escola de música. Para fechar, com o tempo, a banda fez muito sucesso (há uma imagem da banda com a indicação de um milhão de visualizações no Youtube; troféu de prêmio revelação) e Leiloca ficou feliz por notar que “as meninas estavam cada vez mais presentes na plateia e nos palcos também!” (NUÑEZ, 2019a, p.32).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além das letras infantis, a literatura é (trans)formadora, tanto esteticamente, quanto eticamente. Assim, o texto infantil permite a identificação do leitor-mirim com os personagens, possibilitando a criação ou a tensão de conceitos sociais. Destarte, em “A banda das meninas”, da baiana Emília Nuñez (2019), pode-se perceber como a menina pode ultrapassar o preconceito oriundo de uma sociedade ainda com vestígios do patriarcalismo, com uma rede de apoio: amigas, família, escola.

Compreender que as relações sociais não precisam ser hierarquizantes quanto ao gênero possibilita novas inscrições no âmbito cultural, rasurando papéis estanques para os meninos e para as meninas.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CADEMARTONI, Ligia. O que é literatura infantil? Primeiros passos. São Paulo: Editora Brasilense, 2010.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2005.
- GOULART, Cecília. *Alfabetização e Letramento: os processos e o lugar da Literatura*. In.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2011.
- HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra? In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas na literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- NUÑEZ, Emília. *A banda das meninas*. Ilustração: Ana Paula Azevedo. Salvador: Tibi, 2019a. 36 p.
- _____. *O hipopótamo que usava fralda*. Ilustração: Heitor Neto. São Paulo: Tibi, 2019b. 32p.
- _____. *A minifashionista*. Ilustração: Ana Paula Azevedo. São Paulo: Tibi, 2019c.
- _____. *O coelhinho que não sabia esperar*. Ilustração: Heitor Neto. São Paulo: Tibi, 2019d.
- _____. *Da raiz do cabelo até a ponta do pé*. Ilustração: Ana Paula Azevedo. Salvador: Tibi, 2018a. 36 p.
- _____. *Brincar de livro*. Ilustração: Anna Cunha. São Paulo: Tibi, 2018b. 36 p.
- _____. *A menina da cabeça quadrada*. Ilustração: Bruna Brasil. São Paulo: Tibi, 2017a. 32p.
- _____. *A jacarezinha que mordida*. Ilustração: Heitor Neto. São Paulo: Tibi, 2017b. 32 p.
- _____. *Felicidade bicicleta*. Ilustração: Bruna Assis Brasil. São Paulo: Tibi, 2017c. 32 p.
- SILVA, Maria Emília Barcellos da. Para não dizer que não falei do léxico. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, 2006.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.